

Trump e a reinvenção do isolacionismo americano para uma Terceira Guerra Mundial

*Edu Silvestre de Albuquerque*¹

*Mariza Ferreira da Silva*²

Resumo: O ensaio visa analisar as políticas tarifárias de Donald Trump à partir de uma perspectiva da internalização das cadeias produtivas sensíveis nos Estados Unidos e da redução do ritmo de crescimento da logística chinesa no setor de defesa. Nesse sentido, nota-se uma semelhança do cenário geopolítico atual com o período do Entre Guerras, inclusive com o retorno das instabilidades sistêmicas na Europa e no Pacífico.

Palavras-chave: Logística Militar; Guerra Comercial; Poder Mundial.

Trump y la reinvencción del aislacionismo estadounidense hacia una Tercera Guerra Mundial

Resumo: O ensaio visa analisar as políticas tarifárias de Donald Trump à partir de uma perspectiva da internalização das cadeias produtivas sensíveis nos Estados Unidos e da redução do ritmo de crescimento da logística chinesa no setor de defesa. Nesse sentido, nota-se uma semelhança do cenário geopolítico atual com o período do Entre Guerras, inclusive com o retorno das instabilidades sistêmicas na Europa e no Pacífico.

Palavras-chave: Logística Militar; Guerra Comercial; Poder Mundial.

Trump and the reinvention of American Isolationism toward a Third World War

Abstract: This essay aims to analyze Donald Trump's tariff policies from the perspective of the internalization of sensitive production chains within the United States and the slowdown in the growth of Chinese logistics in the defense sector. In this context, a similarity can be observed between the current geopolitical scenario and the Interwar period, including the resurgence of systemic instabilities in Europe and the Pacific.

Keywords: Military Logistics; Trade War; Global Power.

¹ Doutor em Geografia, Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² Doutora em Geografia, Pesquisadora Colaboradora no Projeto de Geografia Crítica da Universidade Federal do Paraná, sob a Coordenação do Prof. Dr. Luis Lopes Diniz Filho.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial não começa exatamente em 1º de setembro de 1939, nem com o episódio da anexação dos Sudetos — região de minoria alemã na Tchecoslováquia — ocorrido quase um ano antes. As causas do conflito residem na expansão industrial e militar da Alemanha nazista e do Japão imperial, cujos projetos de expansão territorial colidiam com a ordem internacional vigente, liderada por Reino Unido.

Diante do ataque japonês ao Havai, os Estados Unidos viu que não poderia continuar com sua política isolacionista. Na obra *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, Paul Kennedy destaca que: “A mudança mais surpreendente ocorreu com o aumento na produção americana de armas entre 1941 e 1943 (...) tornando com isso realidade o desequilíbrio em ‘potencial de guerra’ e renda nacional que existira embrionariamente desde o início” (KENNEDY, 1989, p. 341). Para o autor:

Apenas os Estados Unidos tinham, naquela ocasião, os recursos produtivos e tecnológicos não só para travar duas guerras convencionais em grande escala, mas também investir cientistas, matéria-prima e dinheiro (cerca de 2 bilhões de dólares) na criação de uma nova arma que poderia funcionar, ou não. A devastação causada em Hiroshima, juntamente com a queda de Berlim ante o Exército Vermelho, não só simbolizou o fim de outra guerra, mas também marcou o início de uma nova ordem nos assuntos mundiais (KENNEDY, 1989, p. 341-342).

Nesse contexto, surgiu “a nova paisagem estratégica”, pois “as linhas mestras da nova ordem já estavam sendo descritas pelos planejadores militares americanos, ainda quando o conflito se encontrava no auge” (KENNEDY, 1989, p. 342). Tornou-se claro que o equilíbrio global de poder depois da guerra seria totalmente diferente do que a havia antecedido:

Antigas grandes potências – França, Itália – já se tinham eclipsado. A tentativa alemã de dominar a Europa estava em colapso, bem como a tentativa idêntica do Japão no Extremo Oriente e Pacífico. O mundo bipolar, tantas vezes previsto nos séculos XIX e XX, chegara finalmente; a ordem internacional, nas palavras de DePorte, passava agora “de um sistema para outro”. Apenas os Estados Unidos e a União Soviética contavam, ao que parecia; e dos dois, a “superpotência” americana era muito maior (KENNEDY, 1989, p. 342-343).

Ao final da guerra, a rivalidade americana-soviética emergia como principal divisor do poder mundial. As duas superpotências globais se enfrentavam apenas indiretamente em regiões do terceiro mundo, procurando ampliar suas zonas de influência.

Mas essa estabilização relativa da Guerra Fria começa a ruir quando a China testa sua primeira bomba nuclear em 1964, abrindo fissuras no interior do sistema internacional socialista. Na década de 1980, na esteira da parceria sino-americana, deu-se início a formação de um sistema policêntrico, incluindo novos atores como a China, impulsionando uma nova correlação global de forças (MAGNOLI, 2013).

E com essa retomada de multipolaridade tem-se uma ordem internacional mais instável e propensa a conflitos, como enfatizado por diversos autores da perspectiva do realismo (BULL, 1977; WALTZ, 1979; GILPIN, 1981; MEARSHEIMER, 2001). E de fato, o cenário atual apresenta paralelos inquietantes com o que precedeu a Segunda Guerra Mundial, tornando-se necessário analisar aspectos relevantes da disputa geopolítica, tecnológica e comercial que envolvem, de uma lado Rússia e China, e de outro, Estados Unidos e Reino Unido.

Na visão de Magnoli (2013, p. 306) “a ascensão de Putin representou uma reviravolta” com a organização de “um regime semiautoritário”³. Em relação à política externa, conforme argumentou, “a Rússia voltou-se para o restabelecimento da posição de grande potência, perdida durante o colapso do Estado soviético” (MAGNOLI, 2013, p. 306). Depois de pacificada sua frente interna no Cáucaso com o genocídio dos tchetchenos, as atenções de Putin se voltaram para impedir que Geórgia, Azerbaijão e Ucrânia aprofundassem suas políticas de aproximação com o Ocidente⁴.

³ Fato esse, que ocorreu “por meio do controle crescente do poder executivo sobre a imprensa e do uso do serviço secreto para chantagear políticos de oposição” (MAGNOLI, 2013, p. 306).

⁴ E “em 2007, uma expedição científica russa cravou uma bandeira do país, protegida no interior de um cilindro especial, no fundo do oceano Ártico, afirmando a reivindicação russa de soberania sobre toda a bacia do Ártico” (MAGNOLI, 2013, p. 309). A expedição destinava-se também, “colher amostras geológicas da cordilheira submarina *Lomonosov*, com o intuito de provar que ela faz parte da plataforma continental siberiana” (MAGNOLI, 2013, p. 309).

Assim, em 2008 a Rússia prestou apoio militar aos movimentos separatistas da Abkházia e Ossétia do Sul, na Geórgia. Em seguida, começa seus movimentos contra a Ucrânia, ocupando em 2014 a estratégica península da Crimeia, e depois em 2022, ocupando áreas do leste do país, alegando proteger minorias russas locais.

Carmona (2022, p. 92) descreve que, a atual guerra na Ucrânia se origina de uma combinação de fatores, que vão da cosmovisão nacional russa a respeito do que representa esse país para sua própria nacionalidade, combinada com a percepção de ameaça à segurança com a expansão contínua da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na direção das fronteiras russas

Ja no Indo-Pacífico, a China converte seu crescimento econômico em poder militar. Nos círculos diplomáticos chineses, onde se cunhou a expressão ‘ascensão pacífica’, descrevendo a trajetória do país como grande potência mundial, a China busca consolidar-se enquanto um dos grandes atores no tabuleiro do poder global (MAGNOLI, 2013, p. 260). Mas a expansão chinesa pela região também é percebida pelos países vizinhos como ameaça à segurança :

Geopoliticamente, o crescimento da participação econômica da China no sul global está pressionando Pequim a iniciar sua projeção de poder político e militar no exterior, o que tem criado um contramovimento nos países vizinhos e em outros países em desenvolvimento, levando-os a alianças mais estritas com os Estados Unidos. Dessa forma, o *boom* chinês está criando impactos variados na perspectiva de desenvolvimento dos países do sul ao mesmo tempo em que promove a rivalidade interimperial entre a China, com poder geopolítico crescente, e os poderes ocidentais já estabelecidos, especialmente os Estados Unidos (HO-FUNG HUNG (2018, p. 3).

A ascensão da China faz a ordem político-econômica atual mais fragmentada, e seus movimentos geopolíticos tem alarmado também os Estados Unidos. A estratégia estadunidense tem sido, desde ao menos 2012, “reforçar sua presença geopolítica e militar na Ásia e fortalecer sua cooperação com os vizinhos da China, na tentativa de contrabalancear a influência chinesa crescente” (HO-FUNG HUNG, 2018, p. 21).

Na contenção da China pelo Pacífico, os Estados Unidos guardam a experiência do Entre Guerras com a expansão insular do Japão imperial. Assim, os cenários de uma guerra mundial parecem se repetir também no Pacífico.

Ainda nessa perspectiva, Trump anunciou no começo de 2025 que não poderia haver interferência da China no Canal do Panamá, alcançando negociar apenas alguns meses depois um acordo com o governo local para afastar as empresas chinesas da zona do canal e garantir prioridade de trânsito aos navios militares americanos.⁵

É nesse contexto de crescente tensão internacional na Europa e no Indo-Pacífico que analisamos a política de tarifas comerciais de Donald Trump, que tem sido exaustivamente discutida sob a ótica econômica – especialmente quanto ao impacto fiscal e no comércio exterior americano –, mas ainda pouco compreendida em sua dimensão geopolítica que desvela uma estratégia americana mais complexa.

Num primeiro momento, o vai-e-vem nos anúncios das tarifas alfandegárias americanas deixaram os mercados financeiros globais nervosos e analistas confusos. Afinal, a busca pelo equilíbrio fiscal imediato ameaçava elevar o custo de vida do cidadão americano em razão da dependência dos setores produtivos do país das cadeias produtivas globais. Ao mesmo tempo, aliados como Taiwan e Israel foram mais tarifados do que adversários como Irã, Coreia do Norte e Rússia.

Mas essas análises ignoraram o fato de que Rússia e Coreia do Norte já estavam sob embargo ou sem relações comerciais com os Estados Unidos. Assim, a verdadeira motivação do governo Trump é a tentativa de internalizar

⁵ O Canal do Panamá foi construído pelos Estados Unidos, no início do século XX, e em 1999 foi devolvido ao Panamá. No entanto, a sua importância estratégica para o comércio internacional e para a segurança marítima continua sendo vital para os Estados Unidos. De modo que Trump tem defendido a necessidade de recuperar o controle do canal e eliminar a influência chinesa em torno do canal. O sucesso de Trump num acordo com o governo panamenho foi substancial, considerando que muitos panamenhos se recordam da invasão do Panamá por tropas americanas em 1989. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=interesse+dos+eua+no+canal+do+panama&rlz=1C1GCE_A_enBR1160BR1160&oq=Interesse+dos+EUA+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgDEAAyqAQy_BggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAcQABiABDIKCAgQABiHAXiABDIHCAKQABiABNIBCjE1Mzg1ajBqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=interesse+dos+eua+no+canal+do+panama&rlz=1C1GCE_A_enBR1160BR1160&oq=Interesse+dos+EUA+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgDEAAyqAQy_BggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCAcQABiABDIKCAgQABiHAXiABDIHCAKQABiABNIBCjE1Mzg1ajBqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 09 mai. 2025.

a produção de tecnologias sensíveis - como microchips utilizados em armamentos - fabricadas em países aliados como Taiwan e Israel.⁶

Com o passar dos dias, a estratégia de Trump ficou ainda mais clara. Ele decidiu dobrar a aposta contra a China, ao mesmo tempo em que recuava em relação aos demais países, de modo que aqueles 10% de tarifação geral, ainda que mantidos, passaram a ser aceitos por todos. Trump decididamente estava jogando duro com os aliados para obter a maior vantagem possível.

Mas cabe avançarmos para além das obviedades, e nos indagarmos se um retorno ao isolacionismo americano⁷ seria possível no atual estágio de globalização econômica? E se seria desejável do ponto de vista geoestratégico que os Estados Unidos adotassem uma neutralidade no cenário europeu para concentrar forças no confronto com a China?

A percepção de segurança de Washington

Ainda em seu primeiro mandato presidencial, Donald Trump já se voltava a tentar contornar o “vácuo estratégico” diante do momento histórico de transformação sistêmica da ordem nacional:

Trump e seu círculo próximo propõem reformas nas áreas de declínio relativo dos Estados Unidos, principalmente no comércio internacional. Travam, pois, uma guerra comercial com a China, a potência ascendente. Igualmente, categorizam os chineses como a maior ameaça à segurança nacional e global, o que os levam a intensificar parcerias e exercícios militares na região da Ásia-Pacífico. Hoje, a disputa entre a China e os Estados Unidos pelo alinhamento de países no Sudeste Asiático, na Oceania e na Ásia Central aumenta a militarização e o risco de conflitos nessas regiões” (REIS, 2019, p. 202-203).

⁶ Taiwan responde por cerca de 88% da produção de chips de alta performance. E Israel se destaca na criação de chips de alta performance para o setor de defesa.

⁷ O isolacionismo estadunidense no período anterior à Primeira Guerra Mundial e no período do Entre Guerras foi uma estratégia de voltar-se para os problemas domésticos diante das animosidades crescentes no mundo multipolar formado, dentre outros, por Reino Unido, Alemanha e Japão, além do próprio Estados Unidos. No período da Segunda Guerra Mundial essa política isolacionista foi rompida diante do apelo europeu para deter o avanço nazista, com os americanos exigindo dos europeus a abertura de seus mercados coloniais e renunciando às reivindicações territorialistas. Iniciada a Guerra Fria, a aliança transatlântica permanecia inalterada, agora em razão do expansão do comunismo soviético.

Reis (2019, p. 220) reconhece que “a ascensão de Donald Trump ao posto máximo dos Estados Unidos introduziu novos elementos na política externa e de segurança do país”. De maneira que, “o multilateralismo, as alianças por afinidade e o internacionalismo liberal do passado deram lugar a demonstrações de isolacionismo e competição por poder. Dessa nova abordagem não escapam os aliados europeus, cuja relação com os Estados Unidos nunca esteve pior” (REIS, 2019, p. 220-221). Reis (2019) salientou, ainda, que a fissura nas relações transatlânticas poderia ser algo conjuntural ou reflexo de transformações sistêmicas da ordem internacional; inobstante, julgava ai uma crise de autoridade dos Estados Unidos.

Durante o primeiro mandato de Trump, as relações entre Washington e Moscou foram mais pragmáticas do que conflituosas. Em certos círculos intelectuais e políticos, discutia-se até mesmo a possibilidade de uma aliança civilizacional entre Estados Unidos e Rússia contra a China (SILVESTRE; BRIGOLA, 2017)⁸. Donald Trump, ainda como candidato, já sinalizava a intenção de boas relações com a Rússia, demonstrando desejar um novo aliado na guerra ao Estado Islâmico e a outras organizações terroristas islamitas.

Agora, no início de seu segundo mandato, Trump continua nessa linha mais pragmática, abordando claramente a urgência de uma solução de paz para a Ucrânia, pressionando Zelensky a aceitar as perdas territoriais das áreas ocupadas pelos russos para obter uma paz com Putin. Tudo indica que Trump insiste no objetivo de trazer a Rússia para o lado ocidental, para ao menos obter sua neutralidade diante de um conflito generalizado iminente contra a China.⁹

⁸ Essa tentativa de aproximação com os russos já foi aventada em outros momentos no ocidente. Edward H. Carr (2001) chegou a justificar uma aliança entre Reino Unido e União Soviética, especialmente no período Entre Guerras (1919-1939), diante da ameaça comum representada pelo nazismo. Carr argumentava que o fracasso em consolidar uma aliança sólida entre britânicos e soviéticos teve consequências importantes na eclosão da Segunda Guerra Mundial. De qualquer forma, essa paradoxal aliança acabou acontecendo no desenrolar daquele conflito.

⁹ Sem a certeza da escolha de Putin, Trump também tratou de enfatizar que a Groenlândia tinha que voltar à esfera de influência dos Estados Unidos, considerando que o Ártico é rota estratégica em caso de guerra nuclear com os russos.

Com efeito, se no final do século passado a multipolaridade foi representada pela União Europeia e Japão como desafiantes econômicos dos Estados Unidos (THUROW, 1994), no atual século a China ingressou nesse seleto grupo de desafiantes globais, mas com capacidades demográficas, de extensão territorial, de coesão interna e de poder industrial e militar muito maiores que europeus e japoneses.

Atualmente, apenas a China possui todas as etapas industriais do complexo militar – desde o processamento de terras raras até microchips e desde cascos de navios até sistemas de armas inteligentes – integradas em território nacional. Em uma eventual guerra global, esse diferencial pode ser decisivo, uma vez que permitiria à China repor sua capacidade bélica com rapidez incomparável. E, também preocupante, Pequim pode controlar componentes sensíveis ao complexo industrial-militar americano, especificamente no que se refere à exportação de minerais críticos, algo que já vem usando como barganha desde 2018. Em 2023, Pequim proibiu de fato a exportação de tecnologias relacionadas ao processamento de terras raras. No mesmo ano, Pequim colocou obstáculos para as exportações de germânio e gálio, que são usados pelas Forças Armadas dos Estados Unidos em dispositivos de mapeamento térmico de imagens e em radares.

E em abril de 2025, em uma resposta direta às tarifas de 34% impostas pelos Estados Unidos sobre produtos chineses no início do mesmo mês, durante o governo de Donald Trump, o governo chinês restringiu licenças de exportação de terras raras para empresas americanas, principalmente aquelas ligadas à defesa e tecnologia.

As tarifas alfandegárias de Trump, portanto, também representam uma tentativa de acelerar a internalização de cadeias produtivas sensíveis para a indústria de armamentos americana. E a China está tão consciente disto, que sua reação mais forte é exatamente no campo do comércio bilateral envolvendo minerais raros utilizados na cadeia de produção de armamentos.

A China adotou uma estratégia de *dumping* no setor de terras raras, levando ao fechamento de refinarias em outros países e à sua dominância global no refino desses minerais. Atualmente, ela concentra cerca de 90% da capacidade mundial de processamento de terras raras. Os restantes 10% estão majoritariamente em países aliados do Ocidente, como Estados Unidos

e Austrália, o que busca mitigar os riscos de uma interrupção total no fornecimento chinês.

Outro cenário de guerra que se coloca aos Estados Unidos é de uma abertura de duas frentes de guerra caso Putin continue recusando uma paz com os europeus. A Rússia dá sinais crescentes de querer avançar em algum momento futuro também sobre os Estados Bálticos e a Finlândia, numa guerra direta contra a OTAN.

No cenário asiático, a China intensifica as manobras de demonstração de força militar num ensaio para a invasão de Taiwan. Quando Pequim cruzar esse limite, vai cruzar também todos os limites no Mar do Sul da China e em relação aos arquipélagos disputados com o Japão, e talvez avançado além, levando seu *Colar de Pérolas* (VÁZQUEZ, 2013) do Índico para todo o Pacífico. A implantação de instalações militares em ilhas artificiais no Mar do Sul da China indica claramente que os planos expansionistas chineses vem em uma crescente.

Internalizando as cadeias sensíveis do complexo industrial-militar

Há evidências de que a China tem fornecido à Rússia chips e componentes eletrônicos estratégicos com aplicações militares, apesar das sanções impostas pelo Ocidente. Em 2023, a China foi responsável por aproximadamente 90% das importações russas de bens abrangidos pela lista de controle de exportações de alta prioridade do G7, que inclui semicondutores, equipamentos de telecomunicações e máquinas-ferramentas.¹⁰

O fortalecimento militar chinês também envolve a dimensão aeroespacial. Em 2007, em um teste militar, um míssil chinês destruiu um antigo satélite meteorológico em órbita. O BeiDou-2, um sistema de posicionamento global que pretende concorrer com o GPS norte-americano, entrou em operação no final de 2011 (MAGNOLI, 2013).

A modernização da marinha de guerra chinesa demonstra acelerada evolução desde a primeira década do século XXI, criando frotas lideradas por

¹⁰ Disponível em https://areferencia.com/asia-e-pacifico/o-papel-crescente-da-china-na-industria-de-defesa-da-russia/?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 20 mai. 2025.

porta-aviões e estabelecendo forte presença no estreito de Taiwan e no mar da China Meridional, amplificando tensões em diversos arquipélagos e ilhotas situados nas grandes rotas de comércio marítimo entre Oriente e Ocidente. Se em termos de tecnologias de armas embarcadas, a marinha de guerra americana é ainda muito superior à chinesa¹¹, algo precisava ser feito diante do ritmo de crescimento da logística militar chinesa

De acordo com os dados do Escritório de Análise Econômica (BEA) dos Estados Unidos, “o comércio de mercadorias entre as duas potências econômicas somou cerca de US\$ 585 bilhões em 2024”, sendo que “os EUA importaram consideravelmente mais da China (US\$440 bilhões) do que os chineses importaram dos americanos (US\$145 bilhões)”¹². Entretanto, a China tem um papel central no refino de muitos metais vitais para a indústria, desde cobre e lítio até terras raras¹³.

A percepção de que a produção de chips de alta performance faz parte da logística de guerra é algo compartilhado tanto por republicanos quanto por democratas. O governo Trump, entre 2018 e 2020, impôs restrições à Huawei e a outras empresas chinesas, proibindo a compra de chips americanos e

¹¹ Comparativamente, os porta-aviões da classe Gerald R. Ford são equipados com sistemas de lançamento eletromagnético e radar de última geração, capazes de operar com maior eficiência e letalidade do que frotas inteiras de outras nações. Enquanto isto, os porta-aviões chineses ainda deixam a desejar no quesito tecnologia embarcada. Da mesma forma, os submarinos nucleares da classe Virginia e os destróieres da classe Arleigh Burke, possuem sensores, armamentos e capacidade furtiva que superam, em eficácia, muitas marinhas maiores em quantidade.

¹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/creqq75dnn9o>. Acesso em: 05 mar. 2025.

¹³ José Miguel Dias (2025) destaca que “Terras raras diz respeito a um grupo muito diverso de elementos químicos – dezessete metais com propriedades magnéticas e eletroquímicas – escândio, ítrio e os quinze elementos do grupo dos lantanídeos (*lantânio, cério, praseodímio, neodímio, promécio, samário, európio, gadolínio, térbio, disprósio, hólmio, érbio, túlio, itérbio e lutécio*). (...)Estas matérias primas têm aplicação em grande variedade de modernas tecnologias de ponta, mais do que apenas o evidente interesse econômico. Podem ser usadas para fabricar vários objetos, tais como ecrãs de smartphones, discos rígidos, lentes de telescópios ou até tacos de *basebol*. (...)Estima-se que grande parte das terras-raras esteja localizada na Ásia, com especial destaque para a China, que detém cerca de 44 milhões de toneladas. Além da China, países como o Vietnã e o Brasil (com 22 milhões de toneladas), a Rússia (12 milhões de toneladas) e a Índia (praticamente sete milhões de toneladas) também possuem reservas destes metais nos seus territórios.” Disponível em: <https://www.tempo.com/noticias/actualidade/o-que-sao-as-tao-badaladas-terras-raras-e-o-porque-da-sua-importancia-global.html#:~:text=As%20terras%2Draras%20s%C3%A3o%20compostas,apenas%20o%20evidente%20interesse%20econ%C3%B4mico>. Acesso em: 06 mai. 2025.

pressionando aliados como Japão e Holanda a fazerem o mesmo, limitando o acesso da China a tecnologias sensíveis.

Em agosto de 2022, Joe Biden sancionou o *CHIPS and Science Act*, um programa gestado no primeiro governo de Trump, destinando US\$ 280 bilhões para impulsionar a fabricação de chips e semicondutores de alta tecnologia nos Estados Unidos, parte do esforço do governo para aumentar a competitividade do país em relação à China.¹⁴

Produto deste esforço bipartidário americano, a gigante taiwanesa TSMC está estabelecendo um complexo industrial no estado do Arizona, com o objetivo de produzir até 30% dos chips mais avançados do mundo localmente. Atualmente, três fábricas da TSMC estão em operação ou em construção em Phoenix, com planos para expandir para um total de seis fábricas.¹⁵

Recentemente, a empresa americana Nvidia também anunciou que, pela primeira vez, planeja criar completamente nos Estados Unidos seus chips para inteligência artificial.¹⁶ A Nvidia projeta os chips de alto desempenho, enquanto que a TSMC atua na fabricação em escala desses chips.

A geoestratégia que pode dar certo

A estratégia de barganhar com aliados não é novidadeira em se tratando de política exterior estadunidense. Em 1985, o Japão cedeu às

¹⁴ ESTADÃO CONTEÚDO. Biden sanciona lei que destina US\$ 280 bi ao setor de alta tecnologia dos EUA. In *InfoMoney*, 9 ago. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/biden-sanciona-lei-que-destina-us-280-bi-ao-setor-de-alta-tecnologia-dos-eua/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

¹⁵ INBUSINESSPHX.COM. TSMC to build additional three fabs, two advanced packaging facilities, and R&D center in Arizona. In *Business Phoenix*, 4 mar. 2025. Disponível em: <https://inbusinessphx.com/semi-insights/tsmc-to-build-additional-three-fabs-two-advanced-packaging-facilities-and-rd-center-in-arizona>. Acesso em: 22 abr. 2025.

¹⁶ AFP. Nvidia fabricará integralmente nos EUA seus chips mais avançados para IA. In *UOL Notícias*, 14 abr. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/04/14/nvidia-fabricara-integralmente-nos-eua-seus-chips-mais-avancados-para-ia.htm>. Acesso em: 22 abr. 2025.

pressões dos Estados Unidos para valorizar o iene e reduzir seus superávits comerciais.¹⁷

Já à época, os Estados Unidos perceberam que não havia como retroceder a um modelo de economias nacionais autárquicas. Para contornar o problema da escala econômica, surgiu a ideia de criação de uma zona de livre comércio com seus dois vizinhos. Assim, o NAFTA foi assinado em 17 de dezembro de 1992 por George W. Bush, Brian Mulroney e Carlos Salinas de Gortari, e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1994. Seu principal objetivo era eliminar gradualmente as barreiras tarifárias e comerciais entre os três países da América do Norte¹⁸. Desde então, para que indústrias como as montadoras automobilísticas japonesas pudessem continuar acessando o mercado consumidor estadunidense, tiveram que implantar plantas industriais particularmente no México.

Essa estratégia de compartilhamento da produção com seus vizinhos poderia ser repetida na atualidade para reduzir a dependência das cadeias produtivas dominadas por nações que não são aliadas? Sem dúvida, sobretudo no que diz respeito à cadeia produtiva de bens não-duráveis. Essa geoestratégia regional ainda poderia auxiliar Trump a alcançar maior êxito na promessa de campanha de barrar a entrada de imigrantes ilegais nos Estados Unidos. Ao gerar mais empregos no México, em tese, a pressão migratória originada daquele país seria diminuída.

Mas essa visão geográfica ampliada ainda não parece ter sido colocada em andamento. Trump recuou em relação as tarifas recíprocas sobre smartphones, computadores e chips importados, após ponderar a impossibilidade de reunir em solo americano mão de obra em tempo hábil diante da ameaça de uma guerra mundial bifronte. Apenas a indústria de iPhones na China emprega centenas de milhares de trabalhadores,

¹⁷ O Plaza Accord foi assinado pelas cinco nações mais industrializadas da época: Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, França e Reino Unido. O objetivo principal era desvalorizar o dólar americano em relação ao iene japonês e ao marco alemão, e ajudar a corrigir especialmente o gigantesco déficit comercial dos Estados Unidos com o Japão. O iene se valorizou rapidamente após o acordo, tornando os produtos japoneses mais caros no exterior.

¹⁸ Em 2020, o NAFTA foi substituído por um novo acordo chamado USMCA (United States–Mexico–Canada Agreement).

desempenhando um papel crucial na cadeia de produção global.¹⁹ Os Estados Unidos não dispõe de tamanha força de trabalho disponível, sobretudo considerando sua política de conter a imigração de ilegais.

Considerações finais

O *think tank* Atlantic Council aponta que para 40% dos especialistas consultados haverá uma guerra mundial confrontando Estados Unidos, China e Rússia e envolvendo armas nucleares até 2035.²⁰ A plataforma Metaculus, ouvindo especialistas geopolíticos, historiadores, analistas de segurança internacional e de outros campos relevantes, além de contar com contribuições do público em geral, estima uma probabilidade de cerca de 20% de um conflito militar entre grandes potências até 2050.²¹

Diante desse cenário instável das próximas décadas, as ações de Trump envolvem um cálculo estratégico: preparar a economia dos Estados Unidos para uma ou mais guerras de grandes proporções. O isolacionismo relativo inicial pode ser parte de um redesenho tático que visa ao fortalecimento econômico e militar americano para uma inevitável entrada em uma nova guerra mundial.

Se a paz kantiana não é mais uma certeza absoluta na nova ordem mundial multipolar, é evidente que os Estados Unidos devem adotar uma política comercial e uma geopolítica condizentes com essa realidade

¹⁹ Em 2024, cerca de 964 mil pessoas estavam empregadas na indústria de fabricação de smartphones na China. Esse número inclui trabalhadores envolvidos na montagem de aparelhos, produção de componentes e outros processos relacionados à fabricação de celulares. IBISWORLD. *Smart Phone Manufacturing in China – Employment*. IBISWorld, 2024. Disponível em: <https://www.ibisworld.com/china/employment/smart-phone-manufacturing/5019/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

²⁰ ATLANTIC COUNCIL. *Global Foresight 2025*. 2025. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2025/02/18/atlantic-council-40-dos-especialistas-esperam-guerra-mundial-com-armas-nucleares-ate-2035.html>. Acesso em: 17 abr. 2025.

²¹ METACULUS. *Previsões sobre guerra mundial*. 2023. Disponível em: <https://80000horas.com.br/perfis-de-problemas/conflicto-entre-grandes-potencias/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

multipolar, especialmente colocada pelo avanço econômico e geoestratégico global chinês.

A dependência americana diante da China na cadeia de produção de bens não-duráveis ainda é imensa, e deve demorar algum tempo até que a Índia possa cumprir essa função. A China ainda fornece aos Estados Unidos “grandes volumes de eletrônicos, computadores e brinquedos”, assim como “uma grande quantidade de baterias, que são vitais para veículos elétricos”, sendo que a principal categoria dessas importações em 2024 foi a de smartphones, representando 9% do total.²²

Talvez aqui ainda não tenha se consolidado em Washington a perspectiva de refundação do USMCA (antigo NAFTA). Ainda em 1944, o geopolítico Nicholas Spykman apresentava a ideia de que as Américas funcionariam como uma área estratégica de retaguarda para os Estados Unidos na disputa geopolítica global. Segundo ele, em especial a América Latina deveria ser integrada à esfera de influência dos Estados Unidos, servindo como fonte de recursos estratégicos, apoio logístico e barreira de segurança contra interferências de potências externas. Essa concepção era precursora de uma espécie de nova Doutrina Monroe, ampliando sua lógica para o contexto da geopolítica da Guerra Fria que se iniciava.

O USMCA pode ser analisado nessa perspectiva geoestratégica antecipada por Spykman, onde o México se configurou em peça importante para frear a ascensão econômica japonesa. Hoje, novamente o México pode se mostrar um parceiro industrial importante na logística dos Estados Unidos para os novos desafios lançados no século XXI. Em adição, o México veria uma nova onda de crescimento econômico, e os Estados Unidos teriam que lidar com um menor fluxo de imigrantes ilegais em suas fronteiras.

²² Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/o-que-guerra-comercial-entre-eua-e-china-significa-para-o-mundo%2Cfeb1711f3fbe355659a63d08dfd47220f2a9rxei.html>
Acesso em 20 mai. 2025.

Referências

BULL, Hedley. **The Anarchical Society: A Study of Order in World Politics**. London: Macmillan, 1977.

Carmona, R. (2022). A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, (3), 88–111. Recuperado de <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/55>. Acesso em: 12 mai. 2025.

CARR, Edward Hallet. **Vinte anos de crise: 1919–1939 – uma introdução ao estudo das relações internacionais**. Tradução de Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília: FUNAG, 2001.

FERRARO JÚNIOR, Vicente Giaccaglini. A guerra na Ucrânia: uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Revista Conjuntura Austral**, v.13, n.64, p. 25-50, out./dez. 2022.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

HUNG, Ho-Fung. A Ascensão da China, a Ásia e o Sul Global. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 22, n. 1, p. 1-26, jan./abr. 2018: e182213. Traduzido por Hugo Dahlin e João Victor Guimarães.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000**. Tradução de Waltensir Dutra. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MAGNOLI, Demétrio. **Relações Internacionais: teoria e história**. 2ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2013.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

REIS, Solange. Os sinos dobram para as relações transatlânticas na era Trump. **Revista Tempo do Mundo**, v. 5, n. 1, p. 201-223, jan. 2019.

SILVESTRE, Edu; BRIGOLA, Higor. **Trump e a aproximação entre Estados Unidos e Rússia: uma convergência estratégica possível segundo o paradigma civilizacional**. REI - Revista de Estudos Internacionais, 2017. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SPYKMAN, Nicholas J. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

THUROW, Lester. **Cabeça a cabeça: a batalha econômica do século XXI entre Japão, Europa e Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VÁZQUEZ, Daniel Day. **A Rota da Seda, o Colar de Pérolas e a competição pelo Índico**. Tradução de Marcos Vinícius da Silva Dantas Fernandes. *Revista de Geopolítica*, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/92/91>. Acesso em: 10 abr. 2025.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1979.

Recebido em 20 de maio de 2025.

Publicado em 20 de junho de 2025.